

O público e o privado na Copa do Mundo de 2014: as relações entre governo federal, Fifa e CBF via as colunas de Juca Kfourri e Tostão na Folha de São Paulo

Gilson Luiz Piber da Silva¹

Resumo

As relações entre o governo federal, a Fifa e a CBF foram tensas sobre as responsabilidades de cada entidade na organização da Copa do Mundo de 2014. As dimensões do acontecimento esportivo e o papel das instituições envolvidas serviram de objeto da cobertura jornalística numa região muito especializada, que é o columnismo esportivo, indo além da mera pauta editorial. Tais movimentos são feitos pelas práticas sociais e discursivas, e postos em circulação pelos campos e as instituições. Nosso problema busca apontar como Tostão e Juca Kfourri, em suas colunas publicadas no jornal Folha de São Paulo, abordam as relações entre o governo federal, a Fifa e a CBF sobre a Copa do Mundo de 2014. Optamos por analisar o momento “antes” do Mundial, compreendido entre 1º de janeiro de 2014 a 11 de junho de 2014, e como o relacionamento entre o público (governo federal) e o privado (Fifa e CBF) foi abordado pelos dois colunistas na Folha de São Paulo.

Palavras-chave

O público e o privado; Copa de 2014; Colunas esportivas; Juca Kfourri e Tostão.

Abstract

Relations between the federal government, FIFA and CBF were strained over the responsibilities of each entity in the organization of the World Cup 2014. The dimensions of the sporting event and the role of institutions involved formed the subject of media coverage in a very specialized area which is columnism sports, going beyond mere editorial staff. Such movements are made by the social and discursive practices, and circulated through the fields and institutions. Our problem seeks to identify how Juca Kfourri and Tostão in his columns published in the Brazilian newspaper Folha de São Paulo, discuss the relationship between the federal government, FIFA and CBF on

¹ Doutorando em Ciências da Comunicação pela Unisinos (RS) e professor do curso de Jornalismo do Centro Universitário Franciscano (RS).

the World Cup 2014. We chose to analyze the moment "before " World , between January 1, 2014 to June 11 , 2014 and how the relationship between the public (federal government) and private (FIFA and CBF) was approached by the two columnists in the Folha de São Paulo.

Keywords

The public and private; 2014 World Cup; Sports columns; Juca Kfourir and Tostão.

1 Introdução

A Copa do Mundo de Futebol é um daqueles acontecimentos nomeados como macro acontecimento universal, que é construído através de estratégias de diferentes campos sociais. Pode ser considerado um fenômeno cultural diverso porque seu desenvolvimento se dá através de uma complexa construção, envolvendo muitas operações, agenciamentos, transações, conforme são observados durante os momentos dos preparativos da Copa e de acordo com o registro jornalístico.

A complexidade do período pré-Copa do Mundo de 2014 pode ser ilustrada por um conjunto de fatos, como a demora na construção e na finalização dos estádios que abrigaram os jogos, o atraso nas obras de mobilidade e infraestrutura nas cidades-sede e a demora na definição para custear as estruturas temporárias. Focamos o nosso artigo nas relações entre o governo federal, a Fifa e a CBF, que foram tensas sobre as responsabilidades de cada entidade na organização do Mundial. Tais fatos foram trazidos à tona, também, pelas colunas enunciadas por Juca Kfourir e Tostão na Folha de São Paulo.

No esporte, as práticas sociais são complexas e se apropriam de configurações midiáticas para aparecerem na sociedade e serem reconhecidas. O evento esportivo é atravessado por conjugações de outra ordem. Ocorre uma transação complexa de práticas sociais: acadêmicas, publicitárias, políticas, econômicas, comunitárias, etc. Não é só a disputa agonística. Desta forma, o acontecimento deve ser problematizado, pois existem três dimensões: o antes, o durante e o depois. Juca e Tostão ocupam um lugar privilegiado de observação no jornalismo esportivo brasileiro e atuam como formadores de opinião ao enunciarem as suas colunas na Folha de São Paulo, tendo a Copa do Mundo de 2014 como temática principal.

O problema proposto no artigo é o seguinte: como Tostão e Juca Kfourri, em suas colunas publicadas no jornal Folha de São Paulo, abordam as relações entre o governo federal, a Fifa e a CBF sobre a Copa do Mundo de 2014? Optamos por analisar o momento “antes” do Mundial, compreendido entre 1º de janeiro de 2014 a 11 de junho de 2014, e como o relacionamento entre o público (governo federal) e o privado (Fifa e CBF) foi enunciado pelos dois colunistas na Folha de São Paulo.

2 Dispositivos e campos sociais

No contexto de um macro acontecimento, como a Copa do Mundo de Futebol, os campos sociais estão em regime de funcionamento dinâmico, agem através de operações de várias naturezas e realizam uma complexa transação de sentido entre si para produzir o acontecimento. Tais movimentos são trazidos por Juca e Tostão para dentro das suas colunas na Folha de São Paulo.

Os dispositivos midiáticos agem sobre práticas sociais, estruturando-as e engendrando-as por meio de operações técnicas e simbólicas. A mídia tem um papel central na constituição das relações sociais e é, cada vez mais, o campo que opera com mais ênfase sobre os outros a partir de suas simbólicas.

O conceito de dispositivo como suporte técnico e apenas como meio de ligação não dá conta de explicar os complexos processos de produção de sentidos. Dispositivo é um conceito chave para compreender o processo de midiatização da sociedade e deve ser pensado como uma matriz, em que ele “não comanda apenas a ordem dos enunciados, mas a postura do leitor” (Mouillaud, 2012, p.51). O dispositivo não é só o suporte técnico onde os discursos são enunciados, mas também uma matriz que orienta, que prepara sentidos e que co-determina os vínculos que os receptores estabelecem com essa oferta discursiva.

O dispositivo pode ser também entendido como um lugar de inscrição do texto que “tem uma forma que é sua especificidade, em particular, um modo de estruturação do espaço e do tempo” (2012, p.53), assinala Mouillaud. O jornal está inscrito no dispositivo geral da informação, contendo outros elementos que lhe devem subordinação, como o sistema de titulação.

Mesmo que dê ênfase à questão da materialidade e ao suporte, Mouillaud (2012) destaca que o dispositivo é uma matriz orientadora dos modos de interpretação, perspectiva que pode ser projetada para as colunas como lugar de produção de sentidos. O processo produtivo por meio do qual opera mecanismos de significação acaba incidindo sobre a forma com que os receptores vão se relacionar com a oferta discursiva.

No jornal, a seleção, a edição, a hierarquização, o ângulo, o ponto de vista, a abordagem, o enquadramento são ações empreendidas por aqueles que realizam o processo de produção de sentidos e acabam co-determinando as relações que os receptores vão estabelecer com essa matriz material e simbólica.

Como os dispositivos fazem funcionar seu aparato técnico-significante por meio de operações enunciativas através das quais os processos midiáticos dão inteligibilidade aos fenômenos, faz-se necessário compreender também o dispositivo como mecanismo de enunciação. O que caracteriza a comunicação midiática é o que resulta da articulação entre “dispositivos tecnológicos e condições específicas de produção e de recepção, configuração que estrutura o mercado discursivo das sociedades industriais”, como conceitua Verón (1997, p.14).

Os dispositivos tecno-simbólicos apreendem os contratos dos outros campos e através de um complexo processo de produção de sentidos constroem e estabelecem vínculos entre produtores e leitores. “É o contrato de leitura que cria o vínculo entre o suporte e seu leitor”, destaca Verón (2004, p.219). Todo produto midiático pressupõe um contrato mesmo que implícito e não formalizado. Esse contrato, define Verón (2004), repousa sobre um espaço imaginário onde são propostos múltiplos caminhos. Cabe à instância da recepção compor o seu próprio caminho de leitura.

Contratos de leitura são “regras, estratégias e ‘políticas’ de sentidos que organizam os modos de vinculação entre as ofertas e a recepção dos discursos midiáticos”, comenta Fausto Neto (2007, p.4). Quem dá forma aos contratos são os distintos dispositivos midiáticos. O dispositivo de enunciação comporta um enunciador. No nosso trabalho, trata-se do colunista e contém a “relação daquele que fala ao que ele diz” (Verón, 2004, p.217), um destinatário (o leitor), “daquele a quem o discurso é

endereçado” (p. 218) e a relação entre o enunciador o seu destinatário (“proposta no e pelo discurso”, p.218).

A análise do dispositivo é estratégica para pensar as relações entre produção e recepção. O dispositivo midiático impõe os seus protocolos de funcionamento e as regras dos seus cerimoniais aos receptores através de contratos de leitura. Os processos midiáticos realizam-se através do trabalho dos dispositivos, que possuem os seus próprios códigos reguladores de observação, de avaliação e de interpretação. É a partir de operações sócio-técnicas que os dispositivos midiáticos elaboram e colocam em funcionamento estratégias de produção de sentidos, fazendo com que os receptores mobilizem suas próprias culturas quando se relacionam com a oferta discursiva.

Juca e Tostão emprestam elementos discursivos, segundo estratégias específicas. A singularidade dos discursos dos colunistas aponta as condições de produção a que é submetida à Copa do Mundo de Futebol, segundo as práticas discursivas inerentes ao jornalismo impresso, que por sua vez oferta uma gama de possibilidade de revitalização e revisão dos fatos produzidos midiaticamente de acordo com as necessidades e interesses que determinam condições produtivas. O tema adquire importância porque, especificamente, o esporte de um lado e a mídia por outro são dois campos que mexem com um público de proporções imensas, com grandes economias e empreendimentos financeiros volumosos. São campos sociais que atuam com marcas, opiniões, audiências, efeito, espetáculo, algo que é típico da mídia moderna.

Os agentes do campo jornalístico, na competência do trabalho dos colunistas, buscam estabelecer constantemente posições e definir, a partir delas, formas independentes e autônomas à enunciação. Para isso, engendram estratégias discursivas e enunciativas, cujas marcas e operações ensejam o funcionamento do discurso analítico específico sobre a Copa do Mundo de 2014. E é, durante a reorganização constante do contrato com o público, que se verifica uma surpreendente quantidade de mundos possíveis à espera de novas estratégias discursivas que embalam ressurgimentos, ou seja, diferentes contratos para diferentes leitores a todo o momento.

Ao falarmos sobre campos sociais, destacamos o que pensa Rodrigues (2000):

Entendo uma instituição dotada de legitimidade indiscutível, publicamente reconhecida e respeitada pelo conjunto da

sociedade, para criar, impor, manter, sancionar e restabelecer uma hierarquia de valores, assim como um conjunto de regras adequadas ao respeito desses valores, num determinado domínio específico da experiência (RODRIGUES, 2000, p. 194).

Juca e Tostão usam as suas colunas como um dispositivo de interpretação dos fatos sobre a Copa do Mundo de 2014, em meio a transação de diferentes campos sociais. Nossa curiosidade é saber como uma analítica da midiaticização esportiva sobre o Mundial é engendrada, levando em conta as estratégias discursivas e enunciativas adotadas pelos dois colunistas.

O campo social gira em torno das regras e dos valores que o regem e esses atributos formam seu capital. O capital do campo midiático gira em torno do discurso do “fazer crer” (BERGER, 1996). O agente que possui os meios e a capacidade de construir o discurso pretendido possui também o maior capital. Dentro deste contexto, Berger (1996) fala sobre o quão fundamental é reconhecer que a produção do campo midiático não está restrita a um tipo de discurso. Segundo a autora, convive-se com influências e com tendências diversas na constituição dos discursos. Condições sociais e culturais, no que diz respeito a sua produção, são fatores que contribuem para a construção discursiva.

Por isso, o Discurso Jornalístico é híbrido e somente a observação do funcionamento do discurso de um jornal em suas condições de produção permitirá descrever o tipo informativo deste jornal e seu capital que, no entanto, estará inscrito nas características do campo midiático: ele é público, institucionalizado e legitimado para as transmissões do saber cotidiano (BERGER, 1996, p. 24).

O campo midiático hoje aproxima suas funções na construção e sintetização dos discursos, compreende-os e transforma-os. Seu poder se materializa pelo discurso e através dele provoca o confronto simbólico, fazendo com que as fronteiras dos conhecimentos de diferentes campos se confundam. É um campo que necessita da demanda e da produção de outros campos (RODRIGUES, 1999), mas cada vez mais assume o posto de protagonista na relação entre eles e com a sociedade (FAUSTO NETO, 2008). As grandes temáticas que estão em discussão se fazem presentes na mídia e são construídas por ela. Os protagonistas de outros espaços, para terem

legitimidade e visibilidade perante a esfera pública, buscam entrar neste campo como forma de permanecerem em relação com os demais.

O ambiente interno do jornalismo também sofre mutações, especialmente em suas estruturas de mediação, como é o caso das colunas. O jornalismo sofre fricção dos demais campos, dos fatos que neles ocorrem. De modo geral, o colunista segue os fatos, o que parece ser uma rotina. No entanto, Juca e Tostão adotam outras estratégias de cobertura, usando uma narrativa diferenciada. É a tal da analítica da midiatização do acontecimento esportivo, que vamos abordar na sequência.

3 A analítica da midiatização

Entendemos a analítica da midiatização como um conjunto de operações realizadas por um determinado dispositivo, no caso o colunista, visando instituir relação com o outro, no sentido de escutá-lo, mas também de interpretá-lo, elegendo, portanto, como objeto tentativo, a realidade do acontecimento esportivo. Ainda nesta direção, entende-se a analítica como enquadres de argumentos, de figuras de linguagem, de relação de tensão e de enunciações (marcas). Em outras palavras, a analítica é o modo de dizer e de escutar o leitor, bem como de observar o outro. O estudo sobre uma diferente analítica da Copa do Mundo de Futebol de 2014, via as colunas de Juca Kfourri e Tostão na Folha de São Paulo, está associado às práticas sociais de afetações.

Conforme Oliveira (1996), enquanto no olhar e no ouvir “disciplinados” – a saber, disciplinados pela disciplina - se realiza a nossa “percepção”, será no escrever que o nosso “pensamento” se exercitará da forma mais cabal, como produtor de um discurso que seja tão criativo quanto próprio das ciências voltadas à construção da teoria social. Os colunistas olham, ouvem e escrevem sobre a Copa do Mundo, produzindo um discurso que será interpretado pelos seus leitores.

Japiassú e Marcondes (2001), no Dicionário Básico de Filosofia, afirmam que analítica diz respeito a algo que se faz por meio de análise. Observam que uma proposição é analítica quando se pode validá-la ou invalidá-la sem recorrer à observação, embora ela não forneça nenhuma informação sobre a realidade. Em Aristóteles, citam os autores, a analítica é a parte da lógica que trata da demonstração. Já em Kant, é a parte da lógica transcendental (analítica transcendental) que tem por

objeto “a decomposição de nosso conhecimento a priori nos elementos do conhecimento puro do entendimento”, isto é, das categorias.

No Dicionário de Psicologia, Mesquita e Duarte (1996) falam em analítica da Psicologia com a teoria criada por Jung, segundo a qual a libido é uma expressão daquilo a que este autor designou por energia vital. Ao contrário de Freud, Jung acreditava que a libido não tem exclusivamente origem sexual, não reconhecendo na infância um papel determinante na eclosão das neuroses da idade adulta, justificando-as segundo uma dialética entre o indivíduo e o meio exterior.

Paschoal (2001), ao falar sobre o termo analítica, diz que o mesmo foi utilizado pela primeira vez para designar alguns escritos de Aristóteles que tratavam da Lógica (Primeiros Analíticos e Segundos Analíticos). Seguindo a tradição que se constituiu a partir de Aristóteles, o termo indica um sistema que procede por análise, ou seja, por meio da separação de um todo em suas partes para que, no estudo em separado das partes e na busca da inter-relação entre elas, se tenha uma melhor compreensão do todo.

O filósofo alemão Martin Heidegger usou o termo “analítica” (Analytik) em sua obra “Ser e Tempo” (1927), em lugar de “análise” (Analyse). O termo analítica, utilizado por Kant e retomado por Heidegger, não conduz a uma desintegração do fenômeno, mas sim ao seu caráter originário, ao seu sentido, sua condição de possibilidade. A analítica tece e destece, para libertar o sentido que possibilita o tecido, para vislumbrar o próprio tecer e re-tecer. Esta é a via pela qual Heidegger compreendeu a analítica.

Fausto Neto (2008) refere-se à analítica da seguinte forma:

trabalho de leitura realizado por uma modalidade de comunicação, segundo práticas que envolvem dispositivos tecno-discursivos que tomam como referência o modo de existência das lógicas e dos pressupostos da cultura midiática, se estruturam em suas próprias formas de linguagens e por meio de operações de sentido para construir realidades, na forma de textos nos quais se figuram representações sobre a realidade construída (FAUSTO NETO, 2008, p. 94).

A analítica depende da incidência de outras discursividades sobre as práticas discursivas dos dois colonistas. Ela evoca um “processo de terapêutica”, de exercício de

palavras e escutas, e interpretações. O acontecimento esportivo é um processo complexo, atravessado por problemáticas e manifestações externas, como a midiática, a política, a econômica e a social. A Copa do Mundo é um acontecimento que resulta de múltiplas ressonâncias enunciativas, pois recebe das construções discursivas realizadas nas processualidades dos campos, especialmente no contato das estratégias enunciativas do campo esportivo - como a coluna - com os demais campos.

4 A coluna como um espaço autoral

A coluna está inserida como um elemento dispositivo da superfície topográfica de jornal. Integra o gênero opinativo no jornalismo, tem cunho mais analista, pessoal, e se diferencia de outras unidades, como a reportagem, a nota, a notícia. A coluna é um dispositivo de interpretação, mas pertence e é vinculada ao jornal, tendo rotina e hierarquização.

Para Rabaça e Barbosa (2001), a coluna é uma “seção especializada de jornal ou revista, publicada com regularidade e geralmente assinada, redigida em estilo mais livre e pessoal do que o noticiário comum”. Os autores acrescentam que a coluna “compõe-se de notas, sueltos, crônicas, artigos ou textos-legendas, podendo adotar, lado a lado, várias dessas formas”. Ainda ressaltam que “as colunas mantêm um título ou cabeçalho constante e são diagramadas costumeiramente em posição fixa e sempre na mesma página, o que facilita sua localização imediata pelos leitores habituais”.

A coluna se constitui em um espaço de exercício de uma autoridade e de uma competência jornalística que, passando por tal especificidade, gera a possibilidade de um trabalho que faz ou leva a crer. Mouillaud (2012, p. 45) afirma que “o jornalista mantém um pacto implícito com o leitor, cuja finalidade é o ‘fazer crer’; [...] seja pelo recurso a um argumento de autoridade, que se fundamenta na credibilidade do enunciador e na credulidade do leitor”.

O colunista tem a meta de trazer algo novo ao leitor que, por sua vez, espera isso de quem elege para formar sua opinião diante dos fatos colocados. As colunas também agem na elaboração de sentidos e na preparação de conjunturas para o estabelecimento das funcionalidades necessárias ao equilíbrio de uma dada ambiência.

No processo, estão incluídos colunistas-fontes-leitores e isso resulta de uma relação entre as partes envolvidas.

A coluna adquire tal ponto de organização e significância que o dispositivo – texto – não é apenas um ordenador da enunciação ali disposta, mas também um ordenador da atenção do leitor, um ordenador do próprio sentido em construção, um ordenador dos contratos que se pretende efetivar via enunciação. Quem ordena algo, tem certo poder de emitir e autorizar. O colunista é um ordenador, já que emite um texto com os seus pontos de vista a respeito de determinado assunto e o oferece para a apreciação do leitor.

5 Percurso metodológico

A escolha do corpus destaca as colunas esportivas escritas por Juca Kfourri e Tostão no jornal Folha de São Paulo, nas quais é levada em conta a abordagem das relações entre o governo federal, a Fifa e a CBF sobre os preparativos da Copa do Mundo de 2014. Para efeitos de análise, o período escolhido trata do “antes” da Copa, ou seja, de colunas publicadas entre 1º de janeiro de 2014 a 11 de junho de 2014.

O tema relações entre as três entidades foi abordado pelos dois profissionais em 19 colunas, sendo 10 escritas por Juca e nove por Tostão. Deste total, selecionamos oito colunas, com fragmentos de quatro publicações de cada um dos colunistas. Para o artigo, servem de referência as colunas escritas por Juca Kfourri nos dias 30 de janeiro, 17 e 23 de fevereiro, e 13 de abril de 2014. As colunas de Tostão analisadas foram publicadas nos dias 2 de fevereiro, 2 de março, 27 de abril e 11 de junho de 2014.

No espaço polêmico das colunas publicadas no jornal Folha de São Paulo, Juca Kfourri e Tostão se lançaram a analisar as relações entre o governo federal, a CBF e a Fifa, envolvendo o público e o privado sobre o Mundial de 2014, antes da competição começar com a bola rolando em campo. O nosso objetivo passa pela leitura sobre a analítica da midiaticização no acontecimento Copa, conforme o momento “antes” do Mundial, feita pelos dois colunistas sobre a temática em questão.

6 Juca Kfourri e as relações

O nosso exercício de leitura sobre a analítica da midiatização no acontecimento Copa do Mundo de 2014, conforme o momento “antes” do Mundial e que aborda as relações entre o governo federal, a Fifa e a CBF, começa por fragmentos selecionados de quatro colunas escritas por Juca Kfourri e publicadas na Folha de São Paulo nos dias 30 de janeiro, 17 e 23 de fevereiro, e 13 de abril de 2014.

Fragmento 1 – “Se à esquerda o padrão Fifa virou paradigma para hospitais, escolas e mobilidade urbana, à direita virou rótulo das deficiências das políticas governamentais. Nos extremos das duas posturas, juntam-se a violência que bota fogo na fervura e a demagogia de quem só pensa nos excluídos como bucha de canhão. A Copa brasileira não será a “Copa das Copas” como quer o governo, assim como o Brasil não é o país do futebol como supõe a Fifa. Ao optar pelo megalomaniaco ao fazer a Copa em 12 cidades quando deveria tê-la limitado às oito exigidas pela Fifa, a Copa do Mundo no Brasil perdeu a oportunidade de ser a Copa do Mundo do Brasil” (Juca Kfourri – Coluna intitulada *Vai ter Copa – 30.01.2014 - FSP*).

O campo esportivo é atravessado pelos campos político, econômico e social. No fragmento 1, Juca fala em “esquerda” e “direita”, “políticas governamentais” e “demagogia”. Os termos “violência”, “fogo na fervura” “excluídos” e “bucha de canhão” remetem à população brasileira, no segmento menos favorecido, que quer hospitais, escolas e mobilidade urbana com “padrão Fifa”, expressão que foi cunhada pelo nível máximo de exigência da entidade diretiva do futebol mundial com as obras para a Copa no país. O colunista criticou o governo (ente público) que optou por 12 sedes, quatro a mais do número exigido pela Fifa (entidade privada), ao usar o termo “megalomaniaco”, que significa “mania de grandeza, poder, superioridade”.

Fragmento 2 – “PEDRA CANTADA - Pela primeira vez na história das Copas do Mundo os exames antidoping não serão feitos no país-sede. O vexame é devido ao descredenciado Ladetec, o laboratório brasileiro que jamais foi confiável. Ao decidir que os exames serão feitos na Suíça, a Fifa dá mais uma demonstração de que se arrependimento matasse convidaria o Brasil para a missa

de sétimo dia” (Juca Kfourri – Coluna intitulada *Empate com dois sabores* – 17.02.2014 – FSP).

No fragmento 2, Juca usa o intertítulo “pedra cantada” para informar que os exames antidoping da Copa do Mundo de 2014 não seriam realizados no país-sede, no caso, o Brasil. Chamou de “vexame” o fato de o Ladetec, laboratório ligado ao Instituto de Química da UFRJ (instituição pública), estar descredenciado na época para tal atividade. O colunista informa que a Fifa (entidade privada) decidiu fazer os exames na Suíça, um país europeu do primeiro mundo. A expressão “que se arrependimento matasse (a Fifa) convidaria o Brasil para a missa de sétimo dia”, em tom de ironia, também aponta para uma relação turbulenta entre o governo brasileiro e a Fifa antes da Copa. O campo da saúde atravessa o campo esportivo.

Fragmento 3 – “Se houver em junho próximo as manifestações de protesto como em junho passado, e tudo indica que haverá, manifestações que, então, estiveram na origem dos hinos empolgantemente cantados à capela, o que acontecerá nas ruas sem que a seleção permaneça na Copa? Embora a Fifa não tenha nenhum motivo para querer agradecer o Brasil, seja o governo ou a CBF, pela própria pele é bem possível que oriente seus árbitros a serem, digamos, inteligentes e prudentes. Viveremos e veremos” (Juca Kfourri – Coluna intitulada *O hino e o apito* – 23.02.2014 – FSP).

O campo social volta a atravessar o campo esportivo. O tema “manifestações de protesto” volta à cena no fragmento 3. Nele, Juca relembra o movimento de junho de 2013, durante a Copa das Confederações no Brasil, e projeta novas movimentações durante a Copa de 2014. Ele questiona o que acontecerá nas ruas caso a Seleção Brasileira não avance na Copa. Nas entrelinhas, o colunista dá a entender que a Fifa poderia orientar seus árbitros “a serem, digamos, inteligentes e prudentes” nos jogos do Brasil, não para agradar o governo (ente público) ou a CBF (entidade privada), mas a própria entidade máxima do futebol mundial. O objetivo seria manter a Seleção Brasileira na Copa para evitar os protestos nas cidades-sede e perto dos estádios do Mundial.

Fragmento 4 – “A FIFA colhe o que plantou ao fazer acordo eleitoral com a CBF e aceitar, sem concorrência, a escolha do Brasil como sede da Copa do Mundo. Agora, se vê diante de fatos consumados, ou atrasos irrecuperáveis, e terá de aceitar fazer um torneio ao nosso modo, com jeitinhos, não do dela. Seria um castigo merecido, não fosse o prejuízo para a imagem do país” (Juca Kfourir – Coluna intitulada *Três vezes vergonha* – 13.04.2014 - FSP).

Juca, no fragmento 4, chama de “acordo eleitoral” o acordo entre a Fifa e a CBF (duas entidades privadas) para o Brasil ser sede da Copa do Mundo de 2014, já que não houve concorrentes. Diante do quadro de atraso nas obras, principalmente nos estádios, quase na metade de abril, a menos de dois meses da bola rolar, na ótica do colunista, a Fifa ficou dependente e com “castigo merecido” de um torneio feito à moda brasileira, “com jeitinhos”, mas “um prejuízo para a imagem do país”.

7 Tostão e as relações

Agora, partimos para o exercício de leitura sobre a analítica da midiaticização no acontecimento Copa do Mundo de 2014, conforme o momento “antes” do Mundial e que aborda as relações entre o governo federal, a Fifa e a CBF, por fragmentos selecionados de quatro colunas escritas por Tostão e publicadas na Folha de São Paulo nos dias 2 de fevereiro, 2 de março, 27 de abril e 11 de junho de 2014.

Fragmento 1 – “Daqui até o fim da Copa, além de muitos leilões e de milhares de comerciais sobre a seleção e o Mundial, geralmente ufanistas, haverá dezenas de festas, eventos, solenidades, promovidos pela Fifa, pela CBF, pelos patrocinadores e por tantos que querem faturar. A festança terá de conviver com as inevitáveis manifestações de rua, sem violência, contra a ganância e o desperdício de dinheiro público. Como fui campeão do mundo, já recebi alguns convites para as festas. Se aceitasse, teria, provavelmente, de colocar na camisa o nome do patrocinador ou com os dizeres: “Brasil, ame-o ou deixe-o”. Teria ainda de falar bem da Fifa, da CBF, do governo, sempre com um largo sorriso. Os cachês são altos, uma tentação” (Tostão – Coluna intitulada *Festanças e protestos* – 02.02.2014 – FSP).

O campo publicitário atravessa o campo esportivo. No fragmento 1, Tostão relata que “muitos leilões”, “milhares de comerciais”, “dezenas de festas, eventos, solenidades” sobre a seleção e o Mundial, “geralmente ufanistas”, vão ocorrer até o fim da Copa. Tudo, na opinião do colunista, com promoção da “Fifa, CBF, patrocinadores e por tantos que querem faturar”. Tostão fala, porém que a “festa” seria em meio a “manifestações de rua, sem violência, contra a ganância e o desperdício de dinheiro público”. Ele próprio diz que já recebeu convites para algumas festas, até porque foi campeão do mundo (Copa de 70, no México), porém, nas entrelinhas, leva a entender que acordos publicitários e cachês altos remetem a falar bem de patrocinadores e, inclusive, da Fifa, da CBF e do governo, “sempre com um largo sorriso”. A famosa expressão “Brasil, ame-o ou deixe-o”, cunhada no governo militar do presidente Médici, também foi lembrada por Tostão. A frase tinha um significado ideológico: que ficassem no Brasil os que apoiavam o regime militar; que saíssem, os que se opunham.

Fragmento 2 - “Neste momento de confrontos ideológicos e de Copa do Mundo no Brasil, de aumento dos discursos e de propagandas patrióticas, confundem-se interesses pessoais, ufanismo e nacionalismo com o orgulho de pertencer à nação, de ser um cidadão e de torcer pela seleção. Estes sentimentos têm se perdido com o tempo, por causa da globalização, da corrupção, dos graves problemas sociais, da violência urbana e da constatação de que a seleção é mais da CBF que do Brasil” (Tostão – Coluna intitulada *Nação e nacionalismo* – 02.03.2014 - FSP).

No fragmento 2, Tostão relaciona questões políticas e esportivas, em um ano onde o Brasil teria Copa do Mundo e eleições. De maneira objetiva, o colunista alerta os leitores para o “aumento de discursos e de propagandas patrióticas” e a confusão de “interesses pessoais, ufanismo e nacionalismo com o orgulho de pertencer à nação, de ser um cidadão e de torcer pela seleção.” Tostão considera que, “por causa da globalização, da corrupção, dos graves problemas sociais, da violência urbana”, tais “sentimentos têm se perdido com o tempo”. O colunista, porém, constata “que a seleção é mais da CBF que do Brasil”, numa clara opinião sobre os interesses que movem o futebol nacional. Ele atua como um comentarista da realidade.

Fragmento 3 – “A questão principal não é se haverá ou não uma boa Copa. Minha indignação, e de parte da população, é com o desperdício e os absurdos gastos públicos, com os estádios caríssimos, sendo que alguns se transformarão em elefantes-brancos, com o poder da Fifa – o Brasil aceitou tudo –, com o desalojamento de famílias pobres e com várias outras coisas” (Tostão – Coluna intitulada *O bruxo e o mágico* – 27.04.2014 – FSP).

Mesmo sendo um colunista esportivo, Tostão coloca a Copa em segundo plano no fragmento 3. Prioriza, no texto, a indignação – “minha... e de parte da população” – “com o desperdício e os absurdos gastos públicos, com os estádios caríssimos (elefantes-brancos)... com o desalojamento de famílias pobres e com várias outras coisas.” Fala do “poder da Fifa” e que “o Brasil (governo) aceitou tudo.” Tostão revela consciência social.

Fragmento 4 – “Amanhã, começa a Copa. Aumentam o nacionalismo e o ufanismo. O povo se emociona. Os políticos tiram proveito. Os canalhas, acostumados a roubar dinheiro público, choram, abraçados à bandeira brasileira. Empresários lucram com o orgulho nacional. Se o Brasil ganhar, os jogadores serão heróis. Se perder, serão chamados de mercenários e de pouco patriotas” (Tostão – Coluna intitulada *Ganhar e perder* – 11.06.2014 – FSP).

Tostão, no fragmento 4, diz que, enquanto “o povo se emociona”, muitos “tiram proveito” da Copa do Mundo no país, período em que o nacionalismo e o ufanismo aumentam. O recado vai para “os políticos”, “os canalhas, acostumados a roubar dinheiro público” e os “empresários” que “lucram com o orgulho nacional.” Lembra, também, que “os jogadores serão heróis” em caso de vitória da Seleção Brasileira e “serão chamados de mercenários e de poucos patriotas” se forem derrotados. A consciência social e cidadã de Tostão volta a aparecer no texto.

8 Algumas considerações

No artigo, optamos por analisar o momento “antes” do Mundial, compreendido entre 1º de janeiro de 2014 a 11 de junho de 2014, e como as relações entre o governo federal (ente público), a Fifa e a CBF (entidades privadas) foram abordadas pelos

colunistas Juca Kfourri e Tostão no jornal Folha de São Paulo. O nosso exercício de leitura sobre a analítica da midiatização no acontecimento Copa do Mundo de 2014 começou por fragmentos selecionados de quatro colunas escritas por Juca Kfourri e publicadas na FSP nos dias 30 de janeiro, 17 e 23 de fevereiro, e 13 de abril de 2014. Também foram selecionados fragmentos de quatro colunas escritas por Tostão e publicadas na FSP nos dias 2 de fevereiro, 2 de março, 27 de abril e 11 de junho de 2014.

É possível afirmar que, mesmo com relações turbulentas, governo federal, Fifa e CBF atuaram congregados para o êxito da Copa do Mundo no Brasil, apesar das cobranças feitas de lado a lado. Pesou o aspecto de amenizar os problemas por meio da atuação conjunta para o bem do evento esportivo. O atraso na conclusão dos estádios e de algumas obras, principalmente de mobilidade e de infraestrutura nas cidades-sede, não chegou a prejudicar a realização do Mundial.

No âmbito dos fragmentos das colunas analisadas, Juca Kfourri se mostrou mais preocupado “com a imagem do país” e a população brasileira, em detrimento das ações do governo federal, da Fifa e da CBF com relação à Copa do Mundo. Foi crítico contundente do ente público e das entidades privadas. Usou o artifício da ironia para escrever os seus textos. O campo esportivo foi atravessado pelos campos político, econômico, social e da saúde. Para Juca, “a Copa do Mundo no Brasil perdeu a oportunidade de ser a Copa do Mundo do Brasil”.

Tostão, por sua vez, relacionou temas políticos e esportivos da história do Brasil nos fragmentos analisados das suas colunas. Numa das partes, o campo esportivo foi atravessado pelo campo publicitário. O colunista mostrou consciência social e cidadã nos seus textos, alertando os leitores sobre os perigos exagerados do nacionalismo e do ufanismo com a Copa, bem como para aqueles que se aproveitam da emoção do povo para tirar vantagem pessoal e financeira.

As narrativas dos dois colunistas se implicaram com singularidades destas observações e na construção de um diferente modo de ser da midiatização do jornalismo esportivo no Brasil.

Referências

BERGER, Christa. Em torno do discurso jornalístico. In: FASTO NETO, Antonio; PINTO, Milton José (org). O indivíduo e as mídias: ensaio sobre comunicação, política, arte e sociedade no mundo contemporâneo. Rio de Janeiro: Diadorim, 1996.

FAUSTO NETO, Antonio. **Fragmentos de uma analítica da midiatização.** In: Matrizes, n. 2, abril 2008.

_____. **Contratos de leitura: entre regulações e deslocamentos.** In: Diálogos Possíveis - Revista da Faculdade Social da Bahia. Ano 6, n.2 (jul/dez) Salvador: FSBA, 2007b.

HEIDEGGER, M (1927). **Ser e tempo.** v.I, v.II. Petrópolis: Vozes, 1989.

JAPIASSÚ, H. e MARCONDES, D. **Dicionário básico de filosofia.** Rio de Janeiro: 3a. ed., Jorge Zahar Editor, 2001.

MESQUITA, R. e DUARTE, F. **Dicionário de psicologia.** Lisboa: 1a ed., Plátano Editora, 1996.

MOUILLAUD, Maurice. **O jornal: da forma ao sentido.** Sérgio Dayrell Porto (org). 3. ed. rev. ampl. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2012.

OLIVEIRA, R. C. **O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir e escrever.** In: Revista de Antropologia, v. 39, nº 1. São Paulo: USP, 1996.

PASCHOAL, A. E. **Metodologia da pesquisa em educação: analítica e dialética.** Revista Diálogo Educacional. Curitiba: v. 2, n.3, p. 161-169, jan./jun. 2001.

RABAÇA, C. A. e BARBOSA, G. G. **Dicionário de Comunicação.** Rio de Janeiro: Campus, 2002.

RODRIGUES, A. D. **A emergência dos campos sociais.** In Reflexões sobre o mundo contemporâneo. Rio de Janeiro: UFPI. Editora Revan, 2000.

_____. **Experiência, modernidade e campos dos media.** Biblioteca On Line de Ciências da Comunicação. Portugal: 1999. Acessado em dezembro de 2013.

VERÓN, Eliseo. **Fragmentos de um tecido.** São Leopoldo, RS: Editora Unisinos, 2004.

_____. **Esquema para el análisis de la mediatización.** In Revista Diálogos de la Comunicación, n.48, Lima: Felafacs, 1997.

Documentos eletrônicos online

FOLHA DE SÃO PAULO. Juca Kfour. **Vai ter Copa.** Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/esporte/150036-vai-ter-copa.shtml>>. Acesso em 6 nov. 2014.

FOLHA DE SÃO PAULO. Juca Kfour. **Empate com dois sabores.** Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/esporte/152639-empate-com-dois-sabores.shtml>>. Acesso em 6 nov. 2014.

FOLHA DE SÃO PAULO. Juca Kfourri. **O hino e o apito**. Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/esporte/153571-o-hino-e-o-apito.shtml>>. Acesso em 6 nov. 2014.

FOLHA DE SÃO PAULO. Juca Kfourri. **Três vezes vergonha**. Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/esporte/161209-tres-vezes-vergonha.shtml>>. Acesso em 6 nov. 2014.

FOLHA DE SÃO PAULO. Tostão. **Festações e protestos**. Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/colunas/tostao/2014/02/1406277-festancas-e-protestos.shtml>>. Acesso em 6 nov. 2014.

FOLHA DE SÃO PAULO. Tostão. **Nação e nacionalismo**. Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/colunas/tostao/2014/03/1419891-nacao-e-nacionalismo.shtml>>. Acesso em 6 nov. 2014.

FOLHA DE SÃO PAULO. Tostão. **O bruxo e o mágico**. Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/colunas/tostao/2014/04/1446128-o-bruxo-e-o-magico.shtml>>. Acesso em 6 nov. 2014.

FOLHA DE SÃO PAULO. Tostão. **Ganhar e perder**. Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/colunas/tostao/2014/06/1468129-ganhar-e-perder.shtml>>. Acesso em 6 nov. 2014.